



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8980 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

INDÚSTRIA CULTURAL, REIFICAÇÃO E INFÂNCIA

Lucilene Schunck Costa Pisaneschi - PREFEITURA MUNICIPAL

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Resumo: O artigo em questão apresenta o recorte de uma investigação, cujo objetivo foi discutir as relações existentes entre a Indústria Cultural e o processo de reificação da infância. A pesquisa de caráter qualitativo, tomou como fontes de análise matérias jornalísticas veiculadas pela mídia impressa e digital que apresentam a maneira como as crianças têm sido inseridas na lógica do consumo. O referencial teórico-metodológico teve como escopo a teoria crítica frankfurtiana. A análise do material possibilitou identificar como a presença de mecanismos criados pela Indústria Cultural tem operado a favor da coisificação dos sujeitos desde a infância, contribuindo para a anulação das singularidades. Foi possível, também, trazer à tona as formas com que os pequenos olham para a realidade para além das identificações que acumulam, indicando caminhos possíveis de resistências.

Palavras-chave: Indústria Cultural. Reificação. Infância. Teoria Crítica.

Introdução

A constituição da República Federativa do Brasil de 1988 apresentou um avanço significativo ao reconhecer a criança como sujeito social de direitos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), regulamentado pela Lei nº 8.069/1990, se constitui em um importante instrumento na luta pela preservação dos direitos das populações infantis, na medida em que os reafirma e os detalha. Outras legislações, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996 e suas derivantes, incluindo normas sobre indicadores de qualidade da educação infantil, demonstram a luta dos setores ligados à educação, em todos os níveis, para a garantia desses direitos, cotidianamente discutidos em formações iniciais e contínuas de docentes em todo o país.

Entretanto, os direitos sociais têm esbarrado em limites concretos que essa mesma sociedade impõe, sobretudo quando pensamos as singularidades infantis. Tais limites são profundamente ambíguos ao se apresentarem aos pequenos por meio de uma lógica que, ao mesmo tempo em que defende seus direitos sociais, nega as condições objetivas para sua consecução, levando a um percurso de negação da subjetividade infantil. Mas as crianças não têm muito como se defender. Seus direitos e o respeito concreto a eles dependem do reconhecimento e das práticas sociais dos adultos, em múltiplas circunstâncias.

Partindo do pressuposto defendido por Adorno (2015) de que a subjetividade agrega

em sua construção elementos de ordem psicossocial e que os homens só se constituem mediados pelas relações sociais que estabelecem entre si, a cultura assume papel de destaque na dialética presente entre a construção e a negação das subjetividades infantis.

A pesquisa realizada, de caráter qualitativo, teve como base teórico-metodológica a teoria crítica frankfurtiana e pautou-se na análise matérias jornalísticas veiculadas pela mídia impressa e digital buscando compreender como a Indústria Cultural tem inserido as crianças no sistema reprodutivo do capitalismo contemporâneo como consumidores em potencial e como mercadorias a serem consumidas, lógica essa nuançada por uma série de *lugares* aos quais as crianças são destinadas, conforme posições de classe, gênero, raça, cor, etnia, dentre outros que a sociedade de consumo cria e recria a cada momento.

As seções a seguir, apontam poucas dessas imagens, devido ao espaço aqui limitado, apenas como ilustração de um universo bem mais amplo, mas suficiente para produzir as reflexões que se querem centrais em nossa abordagem.

Indústria Cultural e reificação: a criança dessubjetivada

A apreensão do comportamento adulto pelas crianças é inerente ao processo de aprendizagem humana. Mas o modo como isso se dá em cada momento histórico possui uma imanência dada pelo projeto de sociedade e o tipo de sujeito que se pretende constituir. Assim, diversos mecanismos são postos em ação, no âmbito das sociabilidades. Um deles tem se mostrado extremamente competente para isso: o que foi nomeado por Adorno e Horkheimer (1997) como Indústria Cultural, um mecanismo que promove fenômenos particularmente intensos a partir do pós Segunda Guerra Mundial.

No âmbito da Indústria cultural, a Indústria de cosméticos, da moda, e até de veículos, que tradicionalmente deveriam se ocupar do mundo adulto, cada vez mais têm se dirigido ao público infantil: segundo a Agência Brasileira da Indústria de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos (BIHPEC), só este último item, passou de um lucro de 3,4 bilhões de reais em 2012, para 6,4 bilhões de reais em 2017, tornando-se o segundo maior mercado consumidor do mundo e um dos maiores do mercado brasileiro. Um exemplo desse êxito pode ser verificado no lançamento da linha de cosméticos GeoGirl para crianças entre 08 e 12 anos composta por blush, rímel, batom e cremes em geral, alegando ser “tudo” o que uma criança de oito anos precisa para estar alinhada às tendências de beleza.

Dentre tais tendências é possível encontrar os produtos de rejuvenescimento facial (Imagem 1), o que inclui a aplicação da Toxina botulínica (Botox), substância que atua na inibição de estímulos neuronais relacionados à contração muscular, utilizada no universo da estética para atenuar rugas e marcas de expressão em crianças.

Imagem 1: Aplicação de Botox



A hipersexualização infantil, expressa, sobretudo, pela exposição e sensualização dos corpos infantis (Imagem 2), aparece diluída em propagandas veiculadas por diversos meios de comunicação e oculta nas inúmeras modalidades de concursos mirins de beleza. Por meio desses, as crianças não somente expõem marcas e rótulos, como também publicizam seus rostos e corpos, muitas vezes, tão transmutados, que se torna difícil desconsiderar a permanência de uma visão de criança como adulto em miniatura.

Não se pode perder de vista, também, o fato de que a hipersexualização a que estão expostas as crianças as vulnerabiliza, situando-as como presas em potencial da violência sexual, fenômeno que retira de meninas e meninos suas infâncias, suas subjetividades, sua condição de crianças e, não raro, suas próprias vidas.

Imagem 2



Fonte: <https://saltoalto-loira.blogspot.com/2012/05/pequenas-misses.html>

Na ambiguidade entre a aclamação dos seus direitos como sujeitos singulares em desenvolvimento e a negação das condições objetivas para a consecução de tais direitos, vive-se, na atualidade, a máxima da construção do indivíduo dessubjetivado.

A criança capturada pela ideologia do consumo, consubstanciada pela lógica da Indústria Cultural, e a imagem de infância que dela decorre têm sido apresentadas pela sociedade burguesa como um ideal, possível de ser alcançado por todas as crianças, independentemente do local social que ocupem na estrutura capitalista. Nela, não são apenas produtos que estão – aparentemente - à disposição de todos e sim, um estilo de vida e cultura material que coisifica todos.

Escovando a história a contrapelo: subversão e resistência

Entretanto, como afirmado acima, esse universo de ambiguidades também está permeado por uma outra lógica, que se dedica a olhar para as crianças, percebendo que suas possibilidades de lidarem com a realidade de forma diferente dos adultos indicam caminhos possíveis de enfrentamento à reificação dominante.

A espontaneidade, a criatividade, a fantasia se constituem características fundamentais da infância e mostram que apesar de inseridos na dinâmica objetificante do capital, as crianças constroem percursos que lhes permitem resistir, também com a ajuda de adultos conscientes, no limite do possível, ao processo a que estão expostas.

Tal como postula Benjamim (2002), ao narrarem suas fantasias, medos, desejos e esperanças, as crianças não apenas nos falam do mundo, como também, nos ajudam a olhá-lo em uma outra perspectiva.

Por mais que a sociedade capitalista acumule a seus pés as ruínas e os destroços (BENJAMIM, 2014, p. 246) que ela mesma produziu, a dialética da ruína nos aponta possibilidades de trilhar outros caminhos.

As crianças, mesmo submetidas a agendas exaustivas em escolas, em concursos de belezas, em programas de músicas infanto-juvenis ou desfiles de modas; mesmo trabalhando em faróis, vendendo doces nas ruas, sendo prostituídas, sendo por vezes chamadas a tomar decisões que ainda não têm condições de fazer, seguem reinventando, sonhando, fantasiando, brincando para sobreviver, para ir além...

As crianças atribuem novos e distintos significados à realidade, “ultrapassando o sentido único que as coisas novas tendem a adquirir” (JOBIM E SOUZA, 1996, p. 49) e ao fazê-lo denunciam a forma estática com que o adulto olha para a objetividade. O mundo reinterpretado pelas crianças configura-se, segundo Benjamim (2002, p. 77), um mundo pequeno inserido em um maior.

Essa construção feita a partir dos acúmulos de ruínas e destroços, de restos da história, ainda nos dão indicativos de que, na *sobrevivência*, ainda se podem encontrar fagulhas libertadoras do humano. Para encontrar esses indicativos, é preciso afinar instrumentos de ver e escutar as crianças do mundo e as crianças em nós mesmos. Resta saber o quanto encontramos disposição na vida danificada ou se apenas repetimos discursos posto que tenhamos sido, nós mesmos, tão objetificados que nos misturamos às ruínas e destroços.

Considerações finais

A pesquisa, aqui apresentada em breves recortes e reflexões muito centrais, permite compreender a importância de se pensar os mecanismos que têm negado a subjetividade infantil. A compreensão de tais mecanismos e o desvelamento de uma realidade que, para perpetuar a lógica da dominação social vigente, institui, por meio da troca universal reificante, a equivalência entre os indivíduos e desses com as mercadorias que produzem e consomem fomenta a construção de indivíduos dessubjetivados.

A infância, enquanto construto histórico não é indiferente à dinâmica sociocultural e econômica em que está inserida. O sistema capitalista tem produzido novas formas de dominação social que têm se estendido, indistintamente, a todas as pessoas.

A Indústria Cultural se tornou uma das bases mais sólidas desse modelo, apresentando uma capacidade de influência na vida subjetiva de adultos e crianças que nos coloca a todos na condição de apêndices do capital.

Para mascarar as diferenças sociais e as contradições que lhes são próprias, a sociedade burguesa tem produzido uma aparência de equidade de oportunidades que se expressa, sobretudo, pela ideia de possibilidade de realização dos desejos consumistas a todas as pessoas, independente, das suas condições sociais.

Essa equidade como se fora etapa para a igualdade, entretanto, não se sustenta nem do ponto de vista da forma, nem do seu conteúdo (CROCHÍK, 2010). Na primeira o que se tem é a aparência de que tudo está acessível a todos, desde produtos até estilos de vida. E que essas mercadorias são individualmente pensadas para suprir as *necessidades* particulares de cada um. Oculta-se dessa maneira, tanto as diferenças sociais existentes, quanto a oferta do sempre igual que dessubjetiva, coisifica, domina.

No âmbito do seu conteúdo, a sociedade dos negócios (ADORNO, 2009), que não admite a liberdade e tampouco a igualdade social que tanto aclama, não apenas nega a realização desses preceitos, como diversifica e consolida suas formas de dominação.

Por outro lado, tal como pontua Benjamim (2002), a criança, ao fazer história com os cacos da história, interpreta, inventa, constrói e desconstrói permanentemente o seu cotidiano. Daí a proposta de metodologias e procedimentos de pesquisa que nos coloquem em contato com esses movimentos e processos infantis, que ajudem a ver as crianças e suas infâncias, assim como as nossas.

Amontoando destroços e com eles edificando novas e surpreendentes possibilidades, as crianças nos ajudam a olhar para a realidade com outras lentes, refinar os instrumentos de olhar, ainda tão embaçados, nos desafiam a buscar, como elas e com elas, em cada canteiro, fagulhas libertadoras que contribuem para a construção de caminhos de resistência e, que, sabe, de superação.

Referências

_____. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

BENJAMIM, W. *Canteiro de obras. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinícius Mazzari; posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo: Duas cidades, Ed. 34, 2002.

_____. *Obras escolhidas I – Magia e Técnica. Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 2014.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

CROCHÍK, J.L. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. *Psicologia USP*, São Paulo, janeiro/março, 2010, 21 (1), 31-46

FILOSOMÍDIA. Walmart lança maquiagem antienvelhecimento para crianças. São Paulo, 22/3/2011. *Filosomídiablogspot.com*. Disponível em: <http://filosomidia.blogspot.com/2011/02/walmart-lancamaquiagem-anti.html>. Acesso em maio de 2017.

JOBIM E SOUZA, S. Re-significando a psicologia do desenvolvimento: uma construção crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, S.; LEITE, M.I. F. Pereira (Orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Papirus: Campinas, São Paulo, 1996, p. 39-53.

MARCUSE, R. *A ideologia da Sociedade Industrial: O homem Unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MULHERES DE VINTE E POUCO. 12, maio de 2012. Disponível em: <http://saltoalto-loira.blogspot.com/2012/05/pequenas-misses.html>. Acesso em 20/05/2021.

TERRA, M. **Nos EUA, mãe perde guarda por aplicar botox na filha de 8 anos**. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/11958/nos-eua-mae-perde-guarda-por-aplicar-botox-na-filha-de-8-anos>. Acesso em: 8 jul. 2017.